

O Sr **Pedro de Azevedo** ofereceu:

um manuscrito de 1817, de Pangim, respeitante a Cândido José Mourão Garcez Palhã;

«Famosa comédia em 5 actos intitulada *A Scencebilidade*» copiada em 1858, manuscrito;

um manuscrito hespanhol do século XVIII, que começa:

A la purissima concepción de la siempre Virgen de Vigo. In-8.º de 389 fls. numeradas. Comprado num alfarrabista de Lisboa pelo oferente;

uma *Planta topografica da varzea de Vila Nova da Rainha*, levantada por Teodoro Marques Pereira da Silva & Feliciano José Pereira da Silva.

Por intermédio do Sr. Dr. **Narciso C. Alves da Cunha**, foi oferecido ao Museu, pela junta de paróquia de Paredes de Coura:

uma lápide romana, funerária, cortada nos lados, o que estragou a inscrição; estava na igreja de Rubiães (Paredes de Coura);

O mesmo Sr. Dr. **Narciso C. Alves da Cunha** ofereceu:

uma lápide do deus Macarius: vid. *Religiões*, III, 167.

LUÍS SAAVEDRA MACHADO.

Hierologia lusitanica

(Novos aditamentos às *Religiões da Lusitania*, vol. I a III)

A hierologia lusitanica, a que consagrei tres grossos volumes, vindos a lume respectivamente em 1897, 1905, e 1913, é, por assim dizer, assunto inexgotavel, porque estão sempre a aparecer documentos novos. Para os registar, bem como para esclarecer ou corrigir pontos já tratados, e para dar noticia de cousas que primeiro me escaparam, ou de outras, inauguro hoje n-*O Archeologo* a presente secção, em que sucessivamente irei abrindo capitulos à medida que outras occupaões me permitirem escrever.

1.—Pedra de anel

(Fig. 1)

Deram-me ha muitos anos um decalque da pedra de um anel romano de ouro, o qual decalque represento no adjunto desenho (de

Saavedra Machado): fig. 1. Este anel apareceu em Gouveia (Beira-Baixa).

Parece-me poder interpretar-se do seguinte modo o decalque: uma figura (de mulher) *vittata* e sentada numa *sella* diante de uma ara em que pousa uma *aedicula*; na *aedicula* uma planta, a que a figura apresenta com a mão esquerda uma *patera*. A figura tem a parte inferior do corpo envolta numa roupagem (*pallium*), e a mão direita encostada ao abdomen.



Fig. 1

Teremos pois aqui um sacrificio (libação) feito a uma planta sagrada, comparavel aos que se representam nas figs. 449 e 452 do *Dict. des antiquités* de Daremberg & Saglio, t. I, s. v. «arbores sacrae».

Este objecto pertence à classe que nas *Religiões*, III, 492, intitulei «Arte e religião», e cabem-lhe as considerações gerais que fiz *ibidem*.

2.—Bronze canéforo

Segundo uma nota que eu tomára em 1904, o bronze canéforo que publiquei nas *Religiões*, III, 495, «apareceu numa vinha chamada *A Forca*, ao pé do Fundão, com tijolos romanos e mós manuais, por 1880 e tantos».

3.—Successa

Nota á inscrição *dibus successis* que inseri nas *Religiões*, III, 311: «Fingia deoses a Gentilidade a cada instante, e ainda aos minimos »acontecimentos, tendo deoses que adoravam com este epiteto, »como mostra a lapide que está na esquina dos Padres de S. Caetano da Divina Providencia, dentro d'esta corte, onde se lê *DIBVS* «*SVCCISSIS*, etc.»; — diz Fr. Vicente Salgado numa dissertação numismática, que se guarda manuscrita na Biblioteca da Academia das Sciencias, gab. 5.º, est. 25, n.º 1, fls. 18.

Vê-se que antes de eu ter lido esta nota me encontrei com o P.º Salgado na interpretação da referida inscrição.

4.—Estatuas de Montalegre

No *Portugal Pittoresco* de F. Denis, publicado por uma Socie-

dade, vem, t. iv (1847), uns nonadas sobre as estatuas de Montalegre (*Religiões*, III, 48-49),—e bem assim sobre antas e castros.

5.—Mão com pátera

A mão com pátera, publicada nas *Religiões*, III, 466-467, será a mesma de que fala Fr. Vicente Salgado nas *Memorias do Algarve*, p. 129, n. 6, e que ele diz apparecera em Sulatesta (Beja)? Nesse caso pecaria por erronea a informação que me deram, e que eu exarei a p. 464, de que essa mão se tinha encontrado dentro do templo romano de Évora.

6.—Árula de bronze

A árula de bronze que se vê figurada nas *Religiões*, III, 508, disse-me o meu illustre amigo e colega Dr. Claudio Basto que já não está no Liceu de Viana, mas que fôra, com outros objectos, remetida ao Presidente da Camara Municipal daquela cidade em 3 de Agosto de 1911. Deve pois hoje existir no edificio da Camara. Oxalá não se perca, pois é objecto raro e valioso.

7.—Mars Gradivus

Figura em Orense, numa oferenda de *L. Didius Marinus*, procurador de Caracala e Geta: vid. *Boletim de Orense*, IV, 16-21, e cf. *Bulletin Hispan.*, xv, 150.

8.—Poemana

Nas *Religiões*, II, 342, e III, 240, fiquei em dúvida se o nome *Poemana*, de uma deusa, era indigeno ou desfiguramento de *Pomona*. Schulze, *Geschichte lateinischen Eigennamen*, Berlim 1904, p. 8, vê em *Poemana* um nome celtico relacionado com Πουμανών, como também já Hübner, *Monum. Linguae Ibericae*, cix, que Schulze cita. Cf. este último, p. 10.

9.—Dias da semana

Acêrca das denominações dos dias da semana em português (*Religiões*, III, 568, nota 4) cf. Severim de Faria, *Discursos varios*, 1.^a ed., fl. 183.

10.—Quadrupedes votivos

(Figs. 2 e 3)

Na fig. 2 vemos um porco de bronze, que appareceu, como penso, na Beira-Baixa, e foi adquirido pelo hoje falecido Dr. Barbosa Correia, que o trouxe uma vez ao Museu Etnologico, onde Saavedra Machado o desenhou.

Na fig. 3 vemos um cavalo do mesmo metal, que pertence ao Museu Etnológico (por compra que fiz ha anos), e appareceu nas ruínas



Fig. 2

de uma antiga povoação denominada Crasto Velho (na Serra da Estrela). Com o cavalo veio uma moeda de bronze de Constantino Magno (*soli invicto comiti*; no campo *FT*; no exergo *PLC*), que dizem se

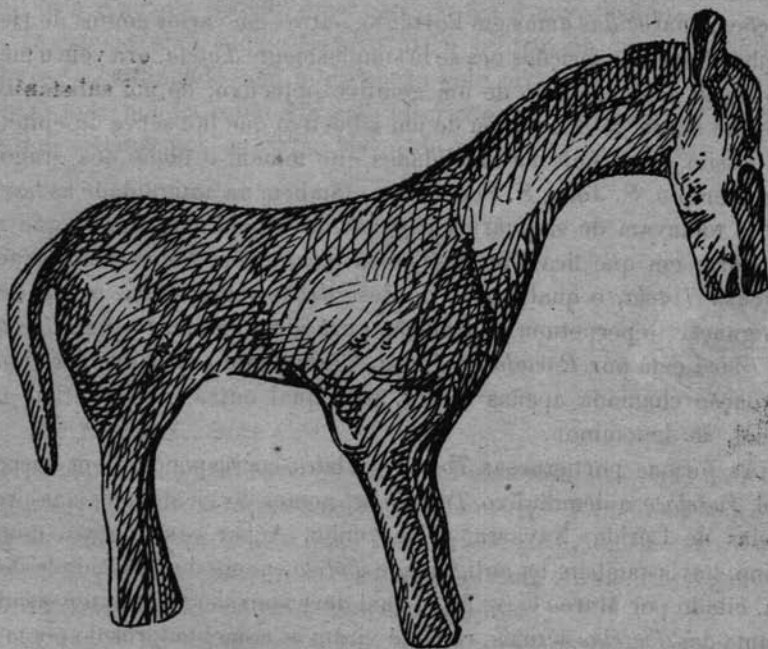


Fig. 3

encontrára com ele. O animal está na posição de parado, e tem a crina rapada, o topete largo, o sobr'olho esquerdo maior que o direito, talvez por desgaste do segundo, as narinas demasiado baixas, os órgãos

genitais pouco aparentes, e os cascos dianteiros mal distintos, faltando os trazeiros, o que torna oblíqua a posição do quadrupede. — O desenho que se publica foi feito por Saavedra Machado, de uma aguarela do falecido Desenhador Guilherme Gameiro.

A tecnica de um e outro quadrupede tem caracter iberico e barbaro. Julgo-os ambos votivos, e por isso os emparelho com os que publiquei nas *Religiões*, II, 283 sgs. As figuras são de tamanho natural.

11. — Todeia

Quando nas *Religiões*, III, 594, estudei varios vestigios do paganhismo existentes na tradição moderna portuguesa, citei alguns nomes que ficaram de antigas divindades, como *Fada*, *Jã*, *Sereia*. Agora citarei mais um: *Todeia*, que entra no composto *Parada-Todeia*, nome de uma localidade do concelho de Paredes. A palavra *Todeia* aparece na fôrma *Todea* no 5.º *Livro de Linhagens*, que ascende talvez ao sec. xv: vid. pp. 181 e 277; e cf. Cortesão, *Onomastico medieval*, p. 342.

Todea representa o nome de uma divindade romana, *Tutela*, que vem mencionada no *Corpus Inscr. Lat.*, t. II, p. 1130, em dezanove inscrições, aparecidas umas em Portugal, outras em varios pontos de Hespanha. Nessas inscrições ora se lê simplesmente *Tutela*, ora vem o mesmo nome acompanhado de um genitivo objectivo, de um substantivo que lhe serve de aposto, ou de um adjectivo que lhe serve de epiteto.

Assim como hoje ha localidades que tomam o nome dos oragos, por exemplo, S. João, S. Pedro, etc., tambem na antiguidade as havia que o tomavam de santuarios pagãos: deve pois entender-se que no territorio em que fica *Parada-Todeia* existiu um *fanum* consagrado à deusa *Tutela*, o qual serviu de designação topografica, e que esta designação se perpetuou na tradição até à actualidade. *Parada-Todeia* ou *Todea* está por *Parada de Todea*. Certamente houve primeiro uma povoação chamada apenas *Todea*, pela qual outra, representada na actual, se denominou.

As fôrmas portuguesas *Todeia* e *Todea* correspondem em hespanhol *Tudela* e o diminutivo *Tudelinha*, nomes de localidades nas provincias de Lérida, Navarra, e Logronho. A par com *Tutela*, nome divino, havia tambem na antiguidade *Tutela*, nome de uma cidade iberica, citado por Marcial, IV, 55, o qual deve considerar-se antepassado de uma das *Tudelas* actuais, como já viram os comentadores do poeta¹.

¹ Por exemplo, Colesso, *Martialis Epigramata*, Londres 1701, p. 170, e ultimamente A. Schulten, «*Martials spanische Gedichte*» nos *Neue Jahrbücher f. d. Klass. Altertum*, vol. xxxi, pp. 470-472.

Temos pois, em resumo, no que toca à lingua portuguesa: Tutela, Tudela, Todela, Todea, Todeia. A fôrma Tudela (Todela) não figura, que eu saiba, em documentos escritos, mas está conservada, como vimos, em hespanhol. — O apelido Tudela, que se encontra em Portugal, veio de Hespanha, como Aguilar, Avilès, Castilho, etc.

A nossa palavra escreve-se muitas vezes Thodeia ou Thodea, com h adventicio e puramente honorifico, analogo ao de Thomar, Thedo, Themudo, Thiago. Escrevendo erradamente esses nomes com h, tem-se de certo em mira o θ helenico, e julga-se que eles ficam assim mais nobilitados, — como se do que é falso pudesse vir nobreza!

12. — Anel de ouro da epoca visigotica

(Figs. 4, 5 e 6)

Quando estive em Castelo-Branco, em 1916, vi em poder do benquista Advogado, Dr. João Pires Marques, um anel d'ouro que appareceu ao pé de Manteigas, e vai representado de tamanho natural na fig. 4, segundo um desenho que o Snr. Sales Viana, Professor do Liceu d'aquella cidade, amavelmente fez a meu pedido.

O aro do anel é de secção oval; o centro, ou cabeça, tambem d'ouro, e continuado sem interrupção pelo aro, é redondo, e tem ao centro uma pomba e na orla uma inscrição que diz SAXSONI, seguida de dois ramusculos ou palmulas, e de uma cruz equilateral. A cruz



Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6

e a pomba dão ao anel character cristão. Pelo conjunto, — tipo da letra, pomba, palmulas, e fôrma e colocação da cruz, — julgo-o da epoca visigotica. Basta comparar a letra da inscrição com a das moedas d'esta epoca. A palavra *Saxsoni* = *Saxoni*, de origem germanica, é genitivo de *Saxonius*, nome do primitivo dono do anel.

A titulo de comparação curiosa notarei que num opusculo do Conde de Marsy, intitulado *Note sur un anneau mérovingien en or*, Compiègne 1882, extr. do t. v do *Bullet. de la Soc. Hist. de Compiègne*, vem um anel semelhante ao beirão, tambem com uma pomba no centro do *châton* circular, e uma legenda na orla, a qual contém

um nome proprio e uma fórmula cristã: reproduzo-o da p. 5 nas figs. 5 e 6 (conjunto e pormenor), cópias feitas de um decalque por Saavedra Machado. No seu livro intitulado *Le port des anneaux dans l'antiq. rom. et dans les premiers siècles du moyen âge*, Paris, 1896, p. 52, fala também Deloche do uso da pomba, como emblema de aneis cristãos da idade-media ou dos fins da idade antiga.

Hübner menciona varios aneis da mesma especie, isto é, cristãos, com inscrições, achados em Hespanha¹; em Portugal, porém, só conheço aneis anepigrafos²; e por isso e porque também não abundam entre nós documentos do tempo dos Visigodos, não me desagraderão os leitores a informação que aqui publico. O anel de Manteigas relaciona-se com outras antigualhas beirãs, moedas de Egítania³, lucerna de Monte-Canhão⁴, etc.

13. — Toiro de brônze

(Fig. 7)

No Museu Municipal do Castelo-Branco existe um bronze fundido, que representa um toiro, e se reproduz, de tamanho natural, na fig. 7 (desenho do S.^{or} Sales Viana). Ignora-se a procedencia, mas deve ter apparecido na Beira-Baixa.

O toiro vai como que a andar. Na cabeça, entre os galhos, que são curtos, ha um orificio. As orelhas estão arrebitadas. Falta parte da perna traseira direita, e da cauda, vendo-se porém o resto da mesma junto d'aquella. O trabalho artistico é cuidado, e o animal está representado com elegancia.

Temos aqui uma figura votiva romana ou pre-romana, como outras de que já falei acima. O orificio da cabeça é comparavel ao que se observa numa vaquinha, também de bronze, que se guarda no

¹ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4976-40 (muito parecido ao de Manteigas), 6260-23 sgs., e *Inscr. Hispan. Christian.* (Suppl.), n.º 421 sgs.

² *Religiões da Lusitania*, III, 586-587.

³ Cfr. *Religiões*, III, 574, nota 4. Além das moedas cunhadas em Egítania, pelos reis visigóticos Recaredo, Sisebuto, Sisenando, etc., apparecem pela provincia da Beira outras de outras fábricas: lembro-me agora, por exemplo, de um triente de Leovigildo, que vi em poder do Dr. Tabor da Ramos, em Castelo-Branco, e que appareceu no local em que esteve a capela de S. Tiago, aro de Medelim: diz no anv. *DNLIVVIGILDVS RM*; no rev. *VICTORIA EMERITA*. No mesmo local se encontram sepulturas, e muitas moedas, que vão desde o tempo, como vimos, de Leovigildo até o reinado de D. José: deve ter aí havido pois cemitérios cristãos sobrepostos ou successivos.

⁴ Vid. «Antigualhas da Beira», cap. I (n-*O Arch.*, XXIII, 1).

Museu de Guimarães e foi publicada nas *Religiões*, III, 238, onde eu supus que o orifício seria para segurar uma lamina de metal representativa da lua, emblema de Diana. Como comparação lembrarei

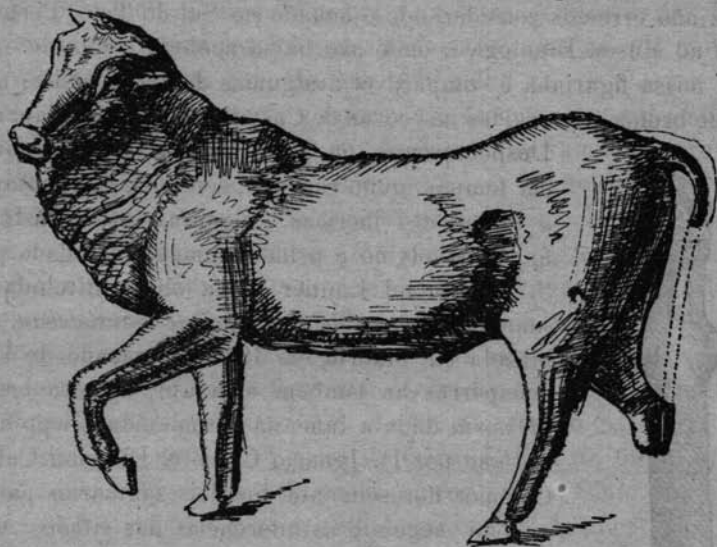


Fig. 7

que no *Catalogue of the bronzes* do Museu Britanico, Londres 1899, p. 281, n.º 1803, se fala de um toiro que tem efectivamente um disco entre os galhos.

14.—Figura votiva de bronze

(Desenho de Saavedra Machado)

Aparentada com a figura nua e priapica de bronze que publiquei nas *Religiões*, III, 68, pertencente á Biblioteca Nacional de Lisboa, onde ha outras semelhantes, todas elas provenientes de Alcacer-do-Sal, é a que vai desenhada aqui junto (tamanho natural).

A testa é fugidia, continuada pelo nariz; os olhos sobressaem esbogalhados e disformes; as orelhas estão assimetricas, no tamanho e na situação; os braços, curtos, erguem-se como arcos, na postura da adoração ou da prece, e estão espalmados nas extremidades, o que representa as mãos; pescoço, torax e abdomen constituem quasi um todo, principalmente o abdomen e o torax, que formam um unico e comprido cilindro, assente em duas perninhas levemente escanchadas, e terminadas por ganchos, em guisa de pés. O sexo másculo define-se com bastante rudeza. Posteriormente a figurinha tem uma saliencia correspondente ao dorso; e na parte inferior outra, correspondente ao *coccix*. O *occiput* parece que o martelaram, e ficou com o aspecto de solideo episcopal.

Este objecto comprei-o a um individuo de Evora, que disse que ele lhe fôra de Terena (Alhandroal); não dou porém muita fé á informação, porque o individuo havia-o adquirido de outrem. Em todo o caso, talvez não erremos considerando-o achado no Sul do Tejo. Pertence agora ao Museu Etnologico, onde não havia nenhum como ele.

A nossa figurinha é comparavel a algumas das mais rudes, tambem de bronze, apparecidas nas covas de Castellar de Santisteban, e de

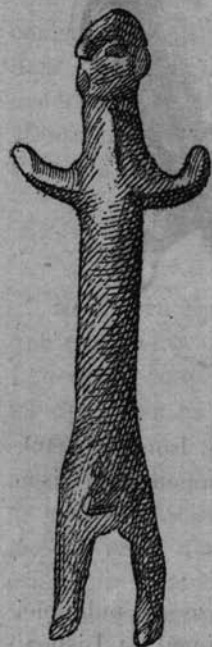


Fig. 8

Despeñaperros, na Serra Morena, as quais covas, em tempos muito remotos, serviram de santuarios a divindades ibericas. O santuario de Castellar foi desenvolvido e primorosamente estudado pelo S.^{or} Raymond Lantier numa obra intitulada *El santuario ibérico de Castellar de Santisteban*, publicada em Madrid em 1917; acêrca do de Despeñaperros ha tambem uma util, embora breve, *Memoria* dada a lume na mesma cidade e no mesmo ano por D. Ignacio Calvo & D. Juan Cabré. O maior florescimento dos dois santuarios parece que foi, segundo as inferencias dos citados AA., nos seculos IV-III antes da era cristã, mas os cultos prolongaram-se até á epoca do imperio. Pelo que toca a analogias entre as figuras de cá e as de lá, compare-se, por exemplo, a figurinha portuguesa com a de Castellar que tem o n.^o 1 na est. IV de Lantier, e que, como a nossa, está nua, e levanta os braços para o ar (propriamente levanta só o direito, porque falta parte do esquerdo); mas nenhuma das figurinhas de Cas-

tellar, ao contrario da nossa, tem representadas as orelhas¹. Nas figurinhas de Despeñaperros, est. XVII, penultima figurinha, da *Memoria* de Calvo & Cabré, ha outra em iguais circunstancias á de Castellar, e tão iguais, que do mesmo modo lhe falta parte do braço esquerdo.

A proposito da figurinha de Alcacer, e das restantes portuguesas de que falei nas *Religiões*, dissera eu, *loc. cit.*, que elas seriam idolos ou ex-votos. Da exploração dos dois santuarios hespanhois onde apareceram centenas de figurinhas de bronze congeneres com aquelas, de varios tipos e feitios, umas nuas, como a nossa, outras vestidas,

¹ *Ob. cit.*, pp. 46 e 62.

umas de homens ou de guerreiros, outras de mulheres, e algumas com oferendas, e muitas com aspecto de quem suplica ou adora, vê-se claramente, — e isso concluíram pelo seu lado os supramencionados AA. —, que todas as figurinhas eram ex-votos. As nossas figurinhas, quer a de que estou particularmente falando, quer as que publiquei nas *Religiões*, devem pois também tê-lo sido.

Se de facto fosse exacta a informação de que a figurinha aqui desenhada apparecêra em Terena, eu não me admiraria que ela proviesse do vizinho santuario lusitano-romano do deus Endovelico (*Religiões*, II, 111), tanto mais que por uma inscrição sabemos que ao deus se ofereciam estatuetas metalicas (*Relig.*, II, 137). O culto de Endovelico floresceu principalmente no periodo imperial, mas provinha de tempos pre-romanos (*Relig.*, II, 145); tambem por este lado não havia desconcordancia com a data das figurinhas hespanholas. Porém a semelhança total da nossa figurinha é com as que de Alcacer do Sal publiquei nas *Religiões*, III, 68. Às de Alcacer do Sal havia eu já attribuido como data a 2.^a epoca do ferro (*Relig.*, III, 69), e aí comparado essas figurinhas com as de outros países. Sinto que os tres mencionados archeologos, principalmente o S.^{or} Lantier, não conhecessem o meu livro.

Alcacer-do-Sal ou corresponda, ou não, á antiga *Salacia*, foi uma importante estação antiga, onde se descobriu uma necropole que já existia no sec. IV-III a. C.¹, e em cujos espolios se contam vasos gregos, fibulas, braceletes, armas de ferro. Ainda por 1894 appareceu nos arredores da actual vila outra figurinha como as de que falei acima². Provavelmente existiu tambem ali um santuario semelhante aos dois da Serra Morena. Que pena que não possam fazer-se em Alcacer excavações methodicas e extensas! Assim poderíamos acaso aclarar dúvidas que as antigualhas já descobertas suscitam, e descobrir novos elementos para o conhecimento do nosso passado.

15.—Caprinos de bronze do Museu Etnologico

(Figs. 9, 10 e 11)

Além das duas cabrinhas que reproduzi nas *Religiões*, II, 283 e 284 (do Redondo, e de Almodovar), e de duas ineditas de que falei *ibidem*, p. 284, nota, possui o Museu Etnologico mais outra, tambem inedita, que recebeu no livro das entradas dos objectos o n.^o 3391.

¹ Vid. *Hist. do Museu Etnolog.*, pp. 187-188.

² Vid. *O Arch. Port.*, I, 80.

Vou aqui publicar e descrever as cabrinhas ainda ineditas. Represento-as nas figs. 9, 10, e 11 (desenhos de Saavedra Machado, tamanho natural).

Fig. 9:

Esta cabra appareceu por 1906 numa excavação agraria feita ao pé da mina de S. Vicente (de cobre e manganês), freguesia e concelho de Silves, e foi oferecida ao Museu Etnologico Português, com grande abnegação, pelo Sr. Dr. Pedro Mascarenhas Judice, illustre Agronomo¹.

A cabra está de pé, com as duas tetas pendentes. Os pelos que cobrem a parte superior do tronco, os quartos (dianteiros e traseiros)

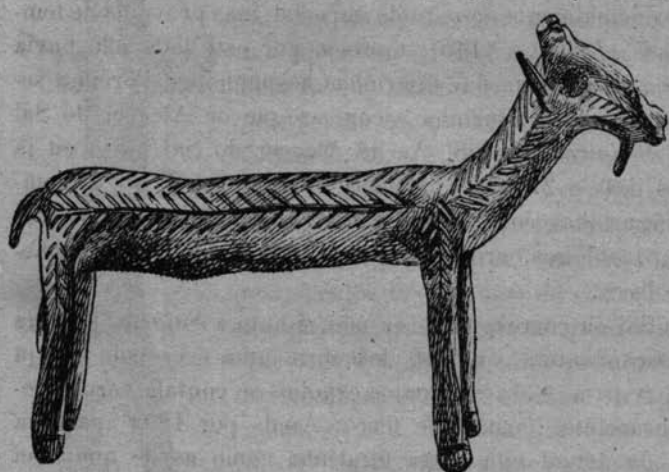


Fig. 9

e a testa e chanfro estão figurados por linhas incisas e compridas, ao longo das quais, de cada lado, ha outras menores, que formam com aquellas angulos

agudos e simetricos; cada grupo de linhas tem aspecto de palma. Os olhos (o direito maior que o esquerdo) são salientes, e orlados de covinhas, o que lhes transmite o aspecto de rosetas. As patas, que mais parecem expansões terminais das pernas, estão fendidas inferiormente de lado a lado. Parte do focinho, dos galhos e da orelha esquerda falta; o que resta do galho direito é maior que o que resta do outro.

Tanto o corpo como as pernas do animal são rigidos, inteiriços, sem vida, e ele, com os seus olhos esbogalhados e o seu pêlo uniforme e duro, dá impressão de grande braveza como ser, e de grande barbarie como arte; sem embargo, constitue um objecto curiosissimo, de muito valor archeologico.

¹ Cf. *O Arch. Port.*, XXIII, 120.

Fig. 10:

A cabra (ou bode?) representada na fig. 10 comprei-a no espolio de Teixeira de Aragão. Consta por uma carta (sem data, embora provavelmente de 1877), dirigida a ele, de Viseu, por José do Amaral¹, que não só o bronze apparecera em 1875, em Alcafache, a 10 kilometros d'aquella cidade, numa propriedade chamada *Casal Queimado*, mas que fôra o referido Amaral quem o remetêra a Aragão. Noutra carta, datada de 13 de Setembro de 1877, escreve Amaral, ao fazer a re-

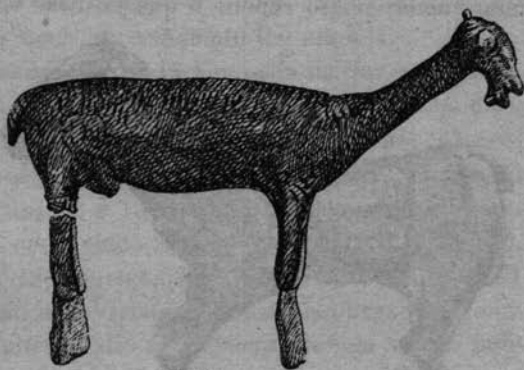


Fig. 10

messa: «É necessario ter toda a cautela com a cabra porque os pés estão a desfazer-se, e já foram soldados a estanho» (isto é, com estanho). Apesar da afirmação de Amaral, ha tanta semelhança entre o bronze agora aqui reproduzido, e o que reproduzi nas *Religiões*, II, 283, proveniente do Alentejo, que me parece estranho que aquelle não tenha a proveniencia d'este. Não quereria Amaral glorificar Alcafache, pois que a propriedade em que se realizára o descobrimento pertencia ao pai?

Ao contrário da cabra precedentemente descrita, esta está toda ella coberta de pêlo; os pés aderem a duas chapas (uma d'elas solta, com parte das pernas), o que lembra um pouco as cabras de Evora publicadas nas *Religiões*, II, 170-171. O pescoço é muito comprido, a cabeça pequena, os olhos saídos; dos galhos só resta um pedaço, do esquerdo; faltam já tambem as orelhas, apenas se vêem vestígios da esquerda, que limaram, na expectativa de ser ouro o metal. O aspecto geral é menos barbaro que na cabra de Silves, e mais conforme com a realidade. O sexo fica porém um pouco indeciso.

Fig. 11:

O 3.º animal é um pouco atarracado; a parte superior do corpo, as pernas, e a cabeça, estão cobertos de pêlo; o sexo vê-se claramente

¹ José do Amaral dedicava-se um pouco á Numismatica: cf. Aragão, *Moedas de Portugal*, I, 129-130. Tambem falo d'ele no meu livro intitulado *Da Numismatica em Portugal* (no prelo), pt. III, secção 1.ª, cap. 13..

definido; as pernas, grosseiramente esboçadas, aderem a chapas, como as da figura n.º 10. A parte inferior das chapas foram limadas, para se saber se o metal era ouro.

Talvez a proveniencia da cabra seja tambem trastagana. Por mim apenas posso repetir o que já disse nas *Religiões*, II, 283, nota

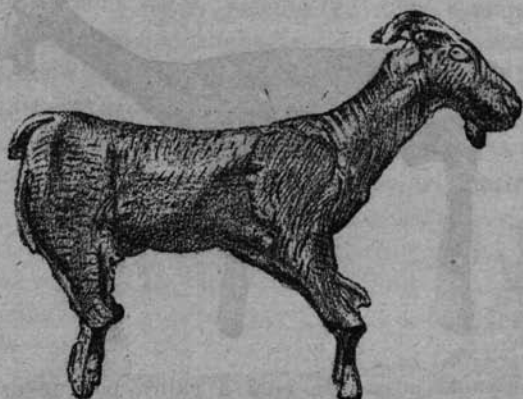


Fig. 11

1: isto é, que ela pertencêra á collecção archaeologica de Joaquim José Colaço, a quem a comprei em Lisboa. Colaço era numismatico, hoje falecido. Com as moedas possuia varias antigualhas, e bem assim conchas, livros, etc.: entre as antigualhas contava-se a cabra.

Os caprinos de que estou falando são manifestamente cultuais, quer fossem ex-votos, quer imagens sagradas, o que, pelo menos no que toca aos dois ultimos, parece mais provavel, por causa das chapas a que se prendem e que serviam para fixar os animais, acaso a bases de madeira, que podiam fazer parte de insignias, ou estar em locais de culto.

Quanto á arte e á epoca, julgo-os fabricados na Peninsula em tempos pre-romanos. Eles relacionam-se sem dúvida com os que em não pequena quantidade aparecem na Hespanha: cf. Pierre Paris, *Essai sur l'art*, II, 196 sgs., onde tambem reproduz o bronze do Redondo e o de Almodovar, já por mim publicados, como acima disse.

16.—A proposito do funeral de Viriato

(*Religiões*, III, 14)

O S.^{or} Prof. Adolf Schulten, conhecido explorador alemão de Numancia, publicou um opusculo com o titulo de *Viriatus*, separata dos *Neue Jahrbücher*, 1917 (Leipzig). Consta de dez capitulos, além de introdução, appendice e um mapa: 1) Fontes; 2) Lusitania e Lusitanos; 3) As guerras anteriores; 4) Patria e mocidade de Viriato; 5) A campanha da liberdade; 6) O fim; 7) De como a guerra foi dirigida; 8) Personalidade de Viriato; 9) Fama postuma; 10) Viriato e Sertorio. O appendice é formado por tres textos gregos, de Apiano.

Diodoro, e Dião Cassio, com biografias do herói. O mapa representa a Iberia na época da guerra viriatina.

Está feito o trabalho com vasta erudição, e o S.^{or} Schulten vota a Viriato muita admiração e simpatia. O estado de guerra em que ardia a Europa no momento em que o trabalho apareceu, arranca ao autor algumas expressões que indirectamente lhe aludem.

O S.^{or} Schulten não só adopta ainda a opinião de que a Serra da Estrela era o *mons Herminius*, mas de que Viriato nascera lá. Ele, com quanto cite o vol. II das minhas *Religiões da Lusitania*, não conheceu ou não citou o vol. III, onde consagro algumas palavras á guerra de Viriato, pp. 116-125, e 156-158, e especifico datas e factos, no que me auxiliou o ms. liviano achado em Oxirineo. A p. 122, nota 2, interpreto já *ἀσπᾶροι* como «capitães de guerrilhas», e a p. 161 ponho Sertorio em paralelo com Viriato. A lista das obras mencionadas no § 9 pelo S.^{or} Schulten podia ser aumentada com as que indiquei na minha obra, pp. 125(-126), nota 1.

Valia a pena que alguém traduzisse em português, e o anotasse, o opusculo do S.^{or} Schulten.

*

Sempre a Alemanha tem dado grande atenção ás antiguidades peninsulares, que muito lhe devem, sobretudo na pessoa de Hübner¹. O S.^{or} Schulten segue a mesma via: a par com artigos e monografias várias², inseriu na *Real-Encyclopädie* de Pauly-Wissowa, substancias páginas consagradas á *Hispania*³, e começou a publicar em 1914, em Munich, uma obra muito notavel, intitulada *Numantia*; 1.^o volume, *Os celtiberos e suas guerras com Roma* (xvi-403 páginas, com mapas).

17.—Dois bustos de Mercúrio

(Figs. 12 e 13)

As tres figuras romanas de bronze, representativas de Mercúrio, publicadas nas *Religiões*, III, 275, 276 e 279 — dois bustos e uma

¹ Cf. *O Arch. Port.*, VI, 49 sgs.

² Por exemplo: *Martialis hispanische Gedichte* (1913); noticias das «Excavações de Numancia» no *Jahrbuch des kais. deutsch. Archaeologischen Instituts* (tenho a noticia 7.^a e 8.^a) e no *Bulletin Hispanique* (vol. xv, n.^o 4, 1913).

³ A proposito do que diz do *Promunturium Cuneus* (p. 11) chamo a atenção do A. para o que escrevi nas *Religiões*, II, 12-14. — D'este artigo vai, segundo nos consta, publicar-se em Barcelona, com o mesmo titulo de *Hispania*, uma tradução feita por Bosch Gimpera & Artigas Ferrando, e acrescentada por aquele com um appendice sobre «La Arqueología prerromana hispánica».

estatueta de corpo inteiro —, agrego aqui mais dois bustos, também de bronze, ultimamente adquiridos pelo Museu Etnológico, -vid. figs. 12 e 13 (desenho de Saavedra Machado).

Figura 12:

O busto assenta numa base horizontal e trisseccionada, em cuja parte inferior, ao centro, sobressai o resto de um espigão de ferro; alguma ferrugem até se espalhou em volta do espigão. O deus, com uns fios (estilizados) de cabelo ao longo da testa e na fonte direita,



Fig. 12

ostenta na cabeça o classico *petasus* alado, e está revestido de clamide, presa no ombro direito por um botão ou fibula, e delimitada inferiormente por uma especie de cordão encurvado e simétrico. No ombro esquerdo nota-se uma falha, que devia corresponder à inserção do *caduceus*, hoje perdido. O nariz acha-se igualmente falhado, por pancada e golpe que recebeu, ainda em epoca antiga. Pela parte posterior o busto está rude e irregular, como a fusão o deixou.

Não póde dizer-se apurado o trabalho artistico, pois a orelha direita, unica que se vê, porque Mercúrio desvia um pouco a cabeça,

é demasiado grande, os olhos são assimétricos no talho, a bôca linear, o queixo algo saído: todavia o conjunto mostra certa proporção, que faria com que os cultores do deus olhassem com agrado para a *aedicula* em que imagino que o busto estaria seguro pelo espigão de que falei a cima, — *aedicula* provida de cavidade apropriada: cf. as que publiquei nas *Religiões*, III, 479 e 623.

Este bronze, que obtive por intermédio de meu Primo Jaime Leite, appareceu ha uns anos na Columbeira (Bombarral), numa propriedade rustica chamada *A Cerca*, pertencente ao S.^{or} Joaquim de Carvalho Júnior. Aí se descobrem na lavoura, a cada passo, alicerces de edificações, pedaços de telhas e de tijolos, pesos de barro,

moedas de cobre e de prata: daquelas tenho presentes tres de Constantino Magno (306-337), Maximo (383-388), Honório (355-423)¹.

Podemos, pois, concluir que na Cêrea houve habitação na epocha lusitano-romana.

Figura 13:

O busto é ôco inteiramente, e aberto na parte inferior, correspondente à base. Na parte superior da cabeça ha tambem uma abertura, mas pequena e circular, que devia ser fechada por uma especie de tampa, ora não existente, a qual se prendia atrás a uma charneira, cuja parte estavel, e eixo (de ferro) ainda restam no bôrdo da abertura.

A cabeça, com uma quasi microscópica *ala* de cada lado, prêsa cada uma a sua argola, verticalmente sobranceira, está descoberta, mas, com excepção da abertura de que falei, provida de farto cabelo, que em violentas ondas cai na testa, e envolve de todo a nuca. O resto do cabelo representava-o a tampa, que falta. O personagem, que supponho ser Mercúrio, por causa das asinhas da cabeça, veste clamide, atada no ombro esquerdo por um laço de que se vêem duas pontas, uma atrás, de fôrma de franja ou crina, e outra adiante, terminada numa especie de borla ou pata.

Para que servia este singular, mas elegante busto?

A tampa faz crer que temos diante de nós um recipiente; neste caso à abertura inferior convinha um fundo, a não ser que o busto aderisse a outro recipiente, posto por baixo. As argolas da cabeça mostram que a figura se destinava a pendurar-se, o que igualmente se patenteia do desgaste interno, resultante de atrito da suspensão.



Fig. 13

¹A de Honório tem um orifício de suspensão, que é antigo, como se conhece da patina das paredes. Pertence, sem dúvida, à classe que estudei n-O Arch. Port., x, 169 sgs.

Deve o Museu Etnologico a posse d'este objecto (n.º de entrada 6:011) à benevolência e illustração do Sr. Bernardino Barbosa, actualmente Professor do Liceu de Gil Vicente (Lisboa), o qual me informou que aquelle apparecêra numa propriedade chamada *Pinheiro*, frèguesia da Luz de Tavira, onde têm tambem apparecido sepulturas romanas, ossadas, inscrições, barros e moedas. A região a que pertence a referida propriedade é a que na época lusitano-romana se designava pelo nome de *balsense*.

P. S.— Infelizmente, na face direita do deus ha um rasgão que chegou a danificar o olho e o competente lado do nariz; mais abaixo, no peito, junto do braço, ha outro. O primeiro rasgão causou-o quem, ao cavar, achou a figura; o segundo rasgão, de aspecto mais antigo que o primeiro, parece-me resultante de estalamento, causado por pancada.

J. L. de V.

Cartas de Augusto Filipe Simões

(Com um retrato)

I

(Tres cartas)

Estive em Penacova em Junho de 1919, e tendo-me eu aí relacionado com o S.^{or} Alipio Leitão, Chefe da Secretaria da Camara Municipal, ele fez o obsequio de me emprestar um retrato de Filipe Simões, já antigo, que reproduzo aqui. Para que o retrato do falecido Archeologo e Professor, a quem a sciencia portuguesa tanto deve, não fique completamente desacompanhado, publico adiante tres cartas que Filipe Simões dirigiu ao D.^{or} Teixeira de Aragão em diferentes epochas, cartas que com outras do mesmo adquiri ha anos para o Museu Etnologico, onde se guardam.

1.^a carta

Ill.^{mo} S.^{or}. Am.^o e collega.— O meu am.^o e condiscipulo Pedro Augusto Dias tem uma collecção de moedas que deseja augmentar. Entregando-se como V. S.^a ao estudo de uma especialidade que eu não posso cultivar, mas cujos cultores estimo e admiro, desejo relational-o com V. S.^a a fim de que se auxiliem reciprocamente no estudo de um ramo tão interessante como descurado em Portugal.

Grande mercê me fará V. S.^a se pois attender o meu am.^o e o auxiliar no seu empenho.